

O Uso do Instagram como Espaço para o Letramento Racial Contra-hegemônico¹

Anderson Henrique de MORAIS²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

RESUMO

Este estudo tem como objetivos compreender o conceito de letramento racial, demonstrar a importância de conteúdos que promovam esta prática na rede social Instagram, assim como a necessidade de vozes antirracistas no ambiente digital. Para satisfazer estes objetivos, se realizou pesquisa bibliográfica sobre conceitos que versam sobre Letramento Racial, redes sociais e Instagram, seguida de uma análise de publicação do perfil @afroantropologa, onde, com o aporte teórico de autoras/es negras/os, conclui-se que o Instagram pode ser utilizado como espaço para se promover e buscar o letramento racial contra-hegemônico.

PALAVRAS-CHAVE: letramento racial contra-hegemônico; redes sociais; instagram.

INTRODUÇÃO

O racismo, continua sendo uma prática discriminatória persistente em nosso tempo, que se arrasta desde o período escravocrata brasileiro, até o presente, encontrando-se impregnado nas estruturas da nossa sociedade (Santos, 2022). Vide os avanços tecnológicos, os discursos discriminatórios contra negros e negras, se desenvolvem também, no ambiente virtual. No que toca este estudo, trataremos dessa problemática ligada à rede social Instagram. De acordo com Trindade (2022), as redes sociais configuraram-se como espaços de expressão das mais variadas formas de discriminação, como o racismo. Portanto, frente a esta constatação, precisamos buscar caminhos de enfraquecimento desta violência.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE03 - Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Direitos Sociais - PPGSSDS da UERN, email: henricmoraes@gmail.com.

Compreendendo que práticas racistas são perpetuadas mediante discursos e ações, podemos compreender que estas práticas são formas de apreensões, com isso, traz-se aqui o conceito de Letramentos, que segundo Souza (2011, p.35), vão para além do sentido de pura aprendizagem educacional, “são práticas sociais” que culminam em “relações de identidade e poder”, ou seja, existem movimentações que envolvem dominação por meio dos letramentos, conforme os contextos a que essas apreensões se desenvolvem.

Portanto, a partir do letramento como aprendizagem, podemos pensar o letramento racial como estratégia de enfrentamento às violências racistas, com isso, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o conceito de Letramento Racial, em seu aspecto antirracista (Twine; Steinbugler, 2006) (Vieira, 2022) como método de desconstrução de um imaginário branco de dominação, construído historicamente, que procura sustentar uma hegemonia social (Bento, 2022), assim como, compreender a importância de conteúdos que promovam esse tipo de prática na rede social Instagram e a necessidade de vozes antirracistas no ambiente digital.

METODOLOGIA

De caráter qualitativo, este estudo procura satisfazer seus objetivos realizando inicialmente uma pesquisa bibliográfica, versando sobre as visões sobre Letramento Racial (Twine; Steinbugler, 2006) em seu caráter antirracista (Vieira, 2022), redes sociais (Recuero, 2009) e Instagram (Ramos; Martins, 2018). Em seguida, será realizada uma breve análise, por meio da Afroperpectiva (Macedo, 2022) do post “Você não cometeu “racismo estrutural”. Você foi racista” do perfil @afroantropologa, na rede social Instagram, a fim de compreender a importância de conteúdos e criadores/as de publicações antirracistas na rede social, com o aporte teórico de autoras/es negras/os como Bento (2022), Moreira (2024), Santos (2022) e Gomes (2017).

PRÁTICAS DE LETRAMENTO RACIAL NO INSTAGRAM

Antes de observarmos como uma publicação da rede social virtual Instagram pode ser entendida enquanto forma de Letramento Racial, é necessário compreender o que de fato este significa à luz de estudiosas/os que podem responder sobre este tema. Para Twine e Steinbugler (2006, p.344), o letramento racial se configura como um grupo de práticas que levam a uma forma de perceber criticamente o “contexto racial e as estruturas

raciais que os indivíduos encontram³”, ou seja, busca desconstruir um imaginário dominador, do sujeito branco, para se provocar reflexões sobre a realidade social de exclusão de grupos subalternizados, como a população negra.

Sobre este imaginário dominador, construído historicamente, desde a escravização de corpos negros e que ainda se apresenta em nosso tempo, perpetuando discursos racistas, Vieira (2022), nos aponta o seguinte:

A manutenção do racismo demanda a atualização dos projetos de letramento racial que naturalizam e normalizam a supremacia, o paradigma de superioridade e a hegemonia branca em sua dimensão política, cultural, estética, simbólica e geográfica. Quando pessoas brancas cometem atos racistas na presunção de impunidade ou quando o Estado legitima e incentiva o genocídio de pessoas negras e indígenas, significa que essas pessoas e as instituições são letradas racialmente em uma gramática racista. Quando a polícia militarizada mata pessoas negras significa que essa instituição é muito bem letrada racialmente, mas em um paradigma racista. O que significa compreender os discursos racistas vigentes também como projetos de letramento raciais em curso e que são atualizados cotidianamente (Vieira, 2022, p.61).

Vieira (2022) aponta, portanto, que as práticas de violências racistas contra negros e negras, assim como a dominação de um grupo sobre o outro, apresentam-se como tipos de letramentos raciais, que procuram conservar a superioridade branca. Portanto, pensando em estratégias antirracistas de confronto a esta problemática, é de suma importância que se pense em um letramento racial contra-hegemônico, descortinando práticas racistas, gerando discussões e reflexões sobre a problemática em todos os espaços de interação social, seja nas relações físicas cotidianas, ou nas desenvolvidas virtualmente.

Contudo, tendo o letramento racial antirracista, como uma série de práticas que executam o confronto contra ações e discursos discriminatórios que violentam, dentre outros grupos subalternizados, a população negra, podemos pensar, portanto, no enfrentamento do racismo no ambiente virtual da rede social Instagram e de que forma isso pode ser realizado. De acordo com Recuero (2006), as redes sociais são espaços onde os sujeitos estabelecem diversas formas de relações, estas com diferentes finalidades, a depender dos interesses de cada um, essas relações podem ser observadas também no Instagram, onde imagens em vídeo, fotografias e textos são produzidos, assim, alocados

³ Tradução feita pelo autor.

em perfis, podendo serem vistos como “uma materialização de discursos e, portanto, uma textualidade”, unindo “escrita e oralidade” de seus usuários (Ramos; Martins, 2018, p.122).

Para compreendermos as práticas de letramento racial no Instagram, toma-se como exemplo a postagem “Você não cometeu “racismo estrutural”. Você foi racista”, publicada em 13 de março de 2024, no perfil @afroantropologa, que tem como administradora a antropóloga, cientista social, professora e criadora de conteúdos antirracistas, cearense, Izabel Accioly. A descrição da legenda nos diz que,

Quando têm seu racismo apontado, alguns brancos justificam que a sua atitude é fruto do racismo estrutural. Ao dizer isso, buscam retirar de si a responsabilidade pelo ato racista e, ao mesmo tempo, culpar a estrutura, essa coisa invisível, que paira sobre a sociedade brasileira. Nessa perspectiva, o racismo torna-se uma mera fatalidade. Sabemos, entretanto, que os indivíduos têm capacidade de agência e, como afirma bell hooks, podem combater o racismo através de escolhas políticas. Compreender que o racismo organiza e estrutura nossa sociedade não é um passe livre para que os indivíduos sejam racistas, pelo contrário: saber que o racismo é estrutural é um chamado à ação individual. A luta pelo fim do racismo exige que indivíduos que têm privilégios desnaturalizem sua posição de poder e ajam a partir deste entendimento no sentido de mover essas estruturas (Izabel Accioly, 2024, on-line).

A partir do texto exposto, pode-se apontar diversas problematizações, que infelizmente ainda são recorrentes na sociedade brasileira. No primeiro momento, Izabel chama a atenção sobre como sujeitos brancos retiram de si próprios a responsabilidade de práticas racistas, quando são confrontados. Os sujeitos apontados pela antropóloga aparentam ser conscientes sobre a estrutura racista que permeia a sociedade brasileira, a qual o racismo é produzido e reproduzido nos espaços sociais e institucionais (Santos, 2022), utilizando-se dessa informação como justificativa para suas ações. Mas se estes indivíduos compreendem a fonte de suas práticas, por que não procurar mudanças significativas para tal? A resposta para tal pergunta, pode estar no fato de que o racismo sustenta uma hierarquia que torna a sociedade desigual, onde o grupo social dominante (branco) goza de privilégios construídos ao longo da história (Bento, 2022).

Izabel Accioly, compreende mudanças possíveis, as quais sujeitos brancos podem realizar em seu cotidiano, principalmente quando aponta que ter a informação de que a estrutura social é racista responsabiliza os indivíduos a buscarem formas individuais para modificar suas ações. Portanto, dentro do que se quer tratar neste texto, umas das formas de enfraquecer os sistemas dominantes, brancos, de privilégios que utiliza o racismo

como mecanismo de conservação de lugares de subalternização para negras e negros, pode ser a captação de letramento racial, o qual pode ser visto dentro desta publicação, pois se compreendemos que o letramento racial antirracista é um primeiro passo para que os sujeitos (privilegiados) pertencentes à sociedade reflitam sobre os atos discriminatórios contra sujeitos subalternizados, têm-se conteúdos como o trazido aqui importantes contribuições para esse processo de “transformação cognitiva” (Moreira, 2024, p.95).

Os discursos antirracistas, como os promovidos pelo perfil @afroantropologa, produzem o caráter educativo que procura enfrentar e gerar reflexões sobre atitudes racistas por meio da comunicação produzida na rede social Instagram, integrando-se, assim, como parte das “mais diversas formas de expressão e de organização” do Movimento Negro brasileiro (Gomes, 2017, p.18), articulando seu trabalho no âmbito das redes sociais, às pautas de lutas interessantes à população negra deste país, a fim de enfraquecer a hegemonia racial com pensamentos críticos que levem à transformação das estruturas sociais racistas, como sugere em sua escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, acaba por atender seus objetivos quando apresenta conceitos sobre o Letramento Racial em seu caráter antirracista, a fim de democratizar ainda mais este debate no meio acadêmico, além disso, busca demonstrar a aplicabilidade destes conceitos no ambiente virtual da rede social Instagram, lugar público de desenvolvimento de relações, o qual práticas racistas, infelizmente, ocorrem. Portanto, como na vida cotidiana fora das redes, se faz necessário buscar estratégias de enfrentamento ao racismo.

Com isso, procurou-se nesta pesquisa apresentar a prática do Letramento Racial antirracista como uma estratégia possível de confronto às ações discriminatórias contra negras/os, assim como demonstrar por meio do exemplo de publicação analisada no perfil @afroantropologa, que a rede social Instagram pode ser um espaço de promoção e busca desse letramento e a importância das vozes de criadoras/es de conteúdo que constroem uma comunicação antirracista. Portanto, estas conclusões abrem margem para novas pesquisas nesta temática.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Izabel. **Você não cometeu “racismo estrutural”. Você foi racista.** Fortaleza, 13 mar. 2024. Instagram: @afroantropologa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4dASxQrvzb/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MACEDO, Litiane Barbosa. Enegrecendo os estudos críticos discursivos: contribuições epistemológicas afroperspectivistas para o campo da análise crítica do discurso no Brasil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 61, n. 1, p. 251-264, 17 jun. 2022.

MOREIRA, Adilson José. **Letramento Racial:** uma proposta de reconstrução da democracia brasileira. São Paulo: Editora Contracorrente, 2024.

RAMOS, Penha Élide Ghitto Tuão; MARTINS, Analice de Oliveira. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. **Revista Texto Digital**, Florianópolis, v. 14, ed. 2, p. 117-133, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/18079288.2018v14n2p117/3812>. Acesso em: 16 jan. 2025.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro:** Uma história da formação do país. São Paulo: Todavia, 2022. 345 p.

SOUZA, Ana Lúcia. **Letramentos de Reexistência:** poesia, grafite, música, dança: hip hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TRINDADE, Luiz Valério. **Discurso de Ódio nas Redes Sociais.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2022.

TWINE, France Widdance.; STEINBUGLER, Amy C. The Gap Between Whites and Whiteness: Interracial Intimacy and Racial Literacy. **Du Bois Review: Social Science Research on Race**, 3(2), 2006, p. 341-363.

VIEIRA, Bárbara Danielle Moraes. **Letramento racial:** da emergência de uma formulação. Revista espaço acadêmico: Edição especial, Paraná, v. 21, p. 53-64, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/1924>. Acesso em: 21 nov. 2024.